



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de posse do
Secretário de Estado do Desenvolvimento
Urbano, Sérgio Cutolo*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 4 DE MARÇO DE 1999

Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Secretário de Estado do Desenvolvimento Urbano, Sérgio Cutolo; Dona Sandra; Senhores Ministros de Estado; Senhores Presidentes e Ministros de Tribunais Superiores, tão numerosos, aqui presentes; Senhores Parlamentares; Senhores representantes das entidades ligadas ao desenvolvimento urbano; Senhoras e Senhores,

Serei brevíssimo, hoje. Mas não posso me furtar à alegria de dizer o quanto prezo a ação do Doutor Cutolo. O Brasil dispõe de um corpo de servidores públicos que merece o respeito da Nação. Muitas vezes, ao discutirem-se as questões relativas ao funcionalismo público, fica à margem a existência de um grupo competente e dedicado, cada vez mais numeroso.

O Doutor Cutolo pertence a uma categoria de funcionários, como essa, de gestores públicos, e que é de uma competência extraordinária. Eu o conheci quando trabalhava no Ministério da Previdência, como Secretário-Executivo. Depois, foi tornado Ministro da Previdência. Depois, nós o designamos para a direção da Caixa Econômica Federal.

Em todas essas funções, o comportamento foi sempre o mesmo. Homem discreto, capaz de agregar colaboradores – o que é muito importante –, competente, e à sua maneira, porque no trato é suave, duro na perseguição dos objetivos e das metas traçadas.

Não vou me esquecer nunca dos meses iniciais da gestão do Doutor Cutolo, na Caixa Econômica, quando toda sorte de incompreensão surgia sobre o esforço de reestruturação que estava ali sendo feito. Esforço que, hoje, é vitorioso, em termos de que a Caixa já dispõe de muito melhores condições de atuação. E isso não se faz senão com muita persistência.

Por isso, para um assunto tão importante quanto a questão urbana, no Brasil, designei o Doutor Cutolo para ser o primeiro secretário de Estado nesta área. É uma área que nós estamos instituindo. Houve muita discussão. Quantas vezes conversei com os representantes das associações ligadas à questão habitacional, sobre a formação de um Ministério de Desenvolvimento Urbano.

Por que escolhemos o caminho da Secretaria de Estado? Pelas razões que o Cutolo acaba de mencionar: porque precisamos, primeiro, coordenar. Primeiro, realmente, dar sentido integrado à ação que se vai desenvolver para, só então, verificar se é necessário ou não dar um passo mais adiante, se isso significa criar Ministério ou criar mais embaraços burocráticos. Tomara que seja suficiente – como penso que seja – a existência de um órgão prestigiado pela Presidência da República, como é o caso, e que possa coordenar as atividades de vários setores, na área de desenvolvimento urbano.

O Doutor Cutolo mencionou de passagem, mas é uma questão central: a população brasileira, como a população da imensa maioria dos países, hoje, é eminentemente urbana. Os problemas que afligem o cotidiano do povo brasileiro são grandemente problemas urbanos.

Quem não se horrorizou ao ver as fotografias ou as imagens de televisão da nossa cidade de São Paulo, inundada e indefesa, diante das intempéries? Certamente indefesa porque defesas não foram preparadas a tempo oportuno. Quem não sabe do imenso sacrifício que

significa o transporte urbano, sobretudo para as massas trabalhadoras, para as camadas mais pobres?

Eu me recordo de que, há algumas décadas, fiz um trabalho sobre a cidade de São Paulo. Então, como agora, o vilão era o especulador. Na época, era o especulador de loteamentos novos, que se apossava de um pedaço de terra na periferia, abria uma avenida e, depois, forçava os serviços públicos a acompanharem os seus interesses, porque lá ele havia localizado, a preços caríssimos, as camadas mais pobres da população. Como fazer-se, depois, para ter água, esgoto, iluminação, tudo numa grande desordem?

Não é surpresa. A inspiração da nossa matriz cultural é lusitana. Há o famoso estudo do Sérgio Buarque de Holanda sobre as cidades no mundo lusitano e no mundo espanhol. É absolutamente inspiradora a sua análise, que mostra as cidades coloniais portuguesas. No dizer dele, eram cidades que se estendiam preguiçosamente pelas encostas, sem nenhuma ordem. Enquanto isso, as cidades espanholas obedeciam à determinação de um plano previamente traçado lá, pela metrópole. A *Plaza Mayor* servia de centro e as ruas saíam dali, perpendicularmente a esse centro.

E quem não tenha lido o livro do Sérgio Buarque, chamado *Raízes do Brasil*, basta viajar de Portugal para a Espanha para perceber isso imediatamente. É só subir de carro, da região de Coimbra e entrar em Ciudad Rodrigo, na Espanha, que se vê a diferença imediata. Ciudad Rodrigo é uma cidade-fortaleza organizada. As cidades portuguesas são como as nossas: mais agradáveis, talvez, para o devaneio, mas bastante desorganizadas na maneira como se dá a ocupação urbana.

Hoje, sofremos de tudo isso em escala ciclópica. Nossas cidades, com raras e honrosíssimas exceções, algumas das quais dirigidas por pessoas aqui presentes, são de difícil manejo, pela desordem com que foram constituídas e pelo descaso que houve da própria cultura brasileira e dos serviços públicos no entendimento da questão urbana.

A questão urbana não é fazer casas. Fosse isso, já seria muito complicado. Mas é muito mais do que isso: é poluição, é transporte, é

transformar em “vivível” o que hoje é dificilmente habitável. Quem mora nas grandes cidades sabe disso. Sabe que é dificilmente habitável.

Esse é o desafio que tem pela frente essa Secretaria de Desenvolvimento Urbano. E não se trata apenas de disponibilizar recursos. Trata-se de fazê-lo de maneira inteligente e fazer com que a sociedade entenda do que se trata e que o Estado não atrapalhe quando a sociedade entender. Tarefas extremamente difíceis e que, certamente, serão facilitadas se vencermos as batalhas que estamos travando agora, nesses meses, para que, efetivamente, possamos ter taxas de financiamento que sejam suportáveis, sem as quais é inviável qualquer projeto de desenvolvimento urbano. Não é uma questão que dependa da ação dos que se dedicam a essa área. É uma ação de todo o governo e da sociedade, porque temos que caminhar para taxas de juros civilizadas que permitam, efetivamente, a existência de projetos de longo prazo na questão habitacional, na questão de saneamento, etc.

Evidentemente, só isso não vai bastar. O Doutor Cutolo mencionou a necessidade de uma parceria mais ativa entre o setor público e o setor privado. E de terminar, talvez, o acanhamento, que ainda existe no setor público, de financiar a oferta do setor privado. Ampliamos bastante o financiamento da demanda nas cartas de crédito, o que deu um certo impulso, mas não o impulso correspondente à área de construção e, portanto, à área de emprego, à área de desenvolvimento. Provavelmente, o acento nesse novo ângulo da questão será uma das preocupações predominantes da ação do Doutor Cutolo.

Da mesma maneira, no que diz respeito ao saneamento. Se nós, hoje, quisermos dar passos mais vigorosos para o bem-estar da população brasileira, certamente o item saneamento prima entre todos os demais. Não se vai avançar muito mais – e avançamos bastante – na redução das taxas de mortalidade infantil se não avançarmos na questão do saneamento básico, sobretudo na oferta de uma rede de esgotos adequada. Na água, conseguimos avançar bastante mais. Mas, na questão do esgoto, avançamos muito menos.

Ora, a capacidade de poupança do setor público é sabidamente limitada. Na verdade, nos últimos anos – e espero que, neste ano,

com a aprovação que haverá, nesses próximos dias, da última etapa da reforma fiscal, se inverta essa situação – até agora, o que aconteceu foi que o Estado se tornou um despoupador líquido, ou seja, toma emprestado ao invés de ter condições para emprestar.

Nessas condições, o desenvolvimento da área de saneamento vai depender muito da ação em parceria com a atividade privada. Não cabe ao Governo Federal, sobretudo nesta matéria, que tem especificidades até municipais, determinar o caminho aqui ou ali. Mas, em termos gerais, certamente, vamos ter que buscar formas de privatização de porções importantes das áreas de saneamento e de distribuição de água. Não porque o setor privado seja, em si, melhor do que o setor público. Mas porque o setor público está mais exangue do que o setor privado. Portanto, é preciso buscar que esses recursos complementem a falta de capacidade de acumulação dos recursos públicos. E quem de nós poderia ainda ousar pensar em um imposto para saneamento? Só os que não quisessem mais voltar ao Congresso.

De modo que é melhor, ao invés de pensarmos nessas soluções, buscarmos soluções mais criativas que impliquem, realmente, uma integração entre a poupança privada e a poupança pública. Certamente, isso dependerá da área econômica e não somente do que dirá o Doutor Cutolo. Mas a colocação dos problemas, o levantamento das questões, para que se mostre até que ponto realmente temos que nos envolver nessa matéria, vai depender muito da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, a qual não poderá ter sucesso se não estiver bem integrada com a Caixa Econômica e com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. Esses são os pilares desse processo.

Além do mais, não só nessa área, mas em muitas áreas relativas ao desenvolvimento, precisamos dessa integração entre Caixa Econômica, Banco do Brasil e BNDES, porque esses são, realmente, os instrumentos de que o Governo dispõe para agilizar e acelerar o processo de desenvolvimento que, espero, nesse segundo semestre deste ano nós já possamos, aí, já estar discutindo. E vejo o ar triste – que às vezes eu e o Ministro Malan temos, porque só discutimos assuntos

negativos, de como não fazer isso, não fazer aquilo – passar para o outro lado, para fazer coisas positivas, que vão precisar, naturalmente, da área econômica. Mas vão precisar, também, da nossa competência de organização e de integração – setor privado, setor público – para o atendimento às camadas de mais baixa renda da população. Enfim, a criação de um espírito positivo. O Brasil está, hoje, ansioso por ele.

Tenho certeza de que a nomeação do Doutor Cutolo será uma pedra importante, fundamental mesmo, na edificação desse novo edifício de um desenvolvimento urbano mais sólido.

Muito obrigado.